

Petista reinicia campanha

SÃO PAULO — Assim como fez há sete meses, quando deu início à maratona de comícios pelo país, o candidato do PT à Presidência da República, Luís Inácio Lula da Silva, subiu ontem às 5h20, ainda com ar sonolento, em um caminhão de som estacionado no portão da Volkswagen, a montadora gigante de São Bernardo do Campo e, diante de cerca de 8 mil dos 12 mil operários horistas que são diariamente despejados por ônibus naquele horário no pátio de estacionamento, reiniciou sua campanha eleitoral.

Falando para a “peãozada”, uma das formas que mais gosta na campanha, e diferente do candidato cansado e quase sem voz que se arrastava nos últimos comícios do primeiro turno, Lula exibiu ontem o mesmo vigor que o impulsionou nos últimos meses e fez com que ele cumprisse um estafante roteiro de campanha.

“Agora ele está abastecido de combustível para a arrancada”, dizia o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo, Vicente Paulo da Silva, um dos escudeiros de Lula na região industrial do ABC, ao ver o seu candidato, ao final do primeiro discurso do dia, cercado por mais de uma dezena de fãs em busca de um autógrafo. Era o próprio Vicentinho, por sinal, que se encarregava de transmitir aos operários um recado eleitoral que funcionava quase que como uma missão de guerra. “Companheirada, quem tiver parente no Norte e no Nordeste tem de mandar carta para lá pedindo para o pessoal votar na Lula”, recomendava.

O rico e o pobre — A solicitação foi repetida, minutos depois, quando o candidato petista, agora na porta da Scania, preparava-se para subir em outro caminhão de som e falar a cerca de 600 empregados da empresa. Em tom duro, Lula procurava sintetizar para os operários o que ele imagina ser a essência de sua disputa no segundo turno com o candidato do PRN, Fernando Collor de Mello. “Agora são dois candidatos, o dos que produzem o pão e o dos que vivem à custa desse trabalho”, inflamava-se Lula. “Será a disputa do menino que nasceu no agreste com o menino que nasceu em berço de ouro”, atacava, sob aplausos.

Ainda não havia amanhecido quando o candidato do PT, na porta da Volkswagen, ensaiava uma preocupa-

ção que martelaria em outros dois discursos ao longo da manhã. “Estão espalhando por aí que nós vamos acabar com as igrejas dos crentes, mas todos precisam saber que nós sempre defendemos a liberdade religiosa”, argumentava Lula. O que poderia parecer uma explicação fora de propósito, ganhava sentido quando se conhecia a sua origem. Sindicalistas da região relataram a Lula, alarmados, que começava a correr na região a notícia que o candidato do PT, assim que tomasse posse, acabaria com os cultos protestantes no país. A preocupação é tão grande que os petistas planejam colocar a deputada federal Benedita da Silva (PT-RJ), que é evangélica, dando essa explicação no horário eleitoral gratuito.

Dois discursos — Verdadeiro especialista na arte de entreter platéias, Lula adequava suas linguagem e argumentação de acordo com o grau instrução do conjunto das pessoas que o ouviam. Enquanto que, para os operários horistas, Lula alinhava em seus discursos frases duras (“precisamos ver se o poder vai para o peão de macacão ou para o patrão”), ao subir de novo no caminhão de som da Volkswagen às 7h30 para discursar para cerca de 1.500 funcionários menselistas da empresa, geralmente situados em funções administrativas, o candidato do PT empunhava outras propostas (“somos a oitava economia do mundo e não podemos continuar pagando fortunas de **royalties** por produtos do exterior”).

De qualquer forma, qualquer um dos seus discursos arrancou manifestações de entusiasmo da assistência. “Nós já apanhamos muito juntos”, emocionou-se o operário da Volkswagen Sebastião Ciriano de Souza, 41 anos, assim que conseguiu abraçar o ex-líder metalúrgico para, em seguida, desabar em uma crise de choro.

Emocionados com a volta de Lula às portas das fábricas, antigos colegas do candidato não se cansavam de dar camisas, talões de cheques, revistas e pedaços de papel para que ele os autografasse. O afiadador de ferramentas Geraldo Sansin, 50 anos, por exemplo, não se conteve e deu a Lula uma estrela do PT de metal, feita por ele, e que ostentava em sua camisa. “Dei de coração”, justificava. Em troca, ganhou um apertado abraço do candidato petista.